

# Economia sofre pela conjuntura

FLAVIA MORAIS  
Da Editoria de Política

O presidente José Sarney tem consciência — e tem procurado transmitir essa convicção aos seus mais recentes interlocutores — da gravidade da situação econômica que vive o País atualmente, mas entende, apesar das advertências que tem recebido, que os fatos que vem ultimamente tumultuando a economia nacional são de caráter conjuntural e não estrutural. Esta posição, de acordo com a avaliação de um assessor com gabinete no Palácio do Planalto, somada ao espírito intrinsecamente cauteloso do Presidente, faz com que medidas mais firmes no sentido de se conter o processo inflacionário, defendidas por setores da área econômica sejam proteladas.

A mesma fonte afirma que, para o Presidente da República, o êxito do Plano Cruzado não se diluiu na esteira do plano subsequente anunciado após as eleições com o intuito de corrigir os rumos da economia. Ele acha, isso sim, refletindo o seu espírito liberal, que os desacertos ora verificados na economia s-ao consequência natural de uma opção econômica que se convencionou chamar de choque heterodoxo. O País estaria

passando por um prazo de carência para, em seguida, retomar o seu curso natural sem uma excessiva intervenção do Estado. Ou seja: Sarney acredita que passado esse período a economia se ajustará naturalmente, obedecendo às leis do livre mercado.

O mesmo pensamento o presidente José Sarney teria em relação à polêmica questão do tabelamento da taxa de juros que teve crescimento acentuado nas últimas semanas. Resistindo a argumentações em favor do tabelamento e até mesmo do congelamento dos juros, cujas taxas são consideradas pelos governadores do PMDB como "criminosas e estereis", Sarney não contempla a curto prazo a possibilidade da adoção de uma dessas medidas. Preferiria, caso se veja obrigado a intervir nessa questão, seguir uma orientação abrangente sugerida pelos governadores e pela direção nacional peemedebista, no documento elaborado nesta quarta-feira, de "controle firme" das taxas de juros, o que não implica necessariamente o seu tabelamento ou congelamento.

Várias têm sido as advertências recebidas pelo Presidente quanto à necessidade de ele impor mais enfaticamente a sua autoridade em diversos setores

que notadamente não vão bem no governo e que contribuem para o descrédito do Executivo perante a opinião pública.

Um dos exemplos correntes no Palácio do Planalto refere-se à privatização de um número de empresas estatais que o Governo já decidiu realizar e que, no entanto, por força de pressão política, dificilmente fará.

Um pulso mais firme estaria sendo exigido do Presidente também em relação a órgãos governamentais que emperam o andamento da máquina do Estado. Diversos projetos do governo da Nova República não têm tido o andamento ágil e qualitativo que Sarney gostaria de verificar, haja vista a reforma agrária e o controle do congelamento e tabelamento dos preços. Por sinal, o novo secretário especial de Comunicação Social da Presidência, jornalista Getúlio Bittencourt, em conversa com uma autoridade do Governo ligada ao presidente Sarney, confidenciou sua certeza de que a culpa pelos problemas do Plano Cruzado não é dos ministros da área econômica e sim da Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab) e da Empresa Brasileira de Notícias (EBN), que não teriam respectivamente fiscalizado e divulgado bem o pacote econômico II do Governo.

CORREIO BRASILEIRO

17 JAN 1987